

## “O canto da Rainha”: a Bahia cantada na voz de Daniela Mercury

**Ianá Souza Pereira**

Mestranda em Estudos Comparados - USP  
 E-mail: [ianalettras@gmail.com](mailto:ianalettras@gmail.com)



Créditos: Fábio Ceratti

A começar pela nomenclatura escolhida para a maioria dos seus discos: Canto da cidade (1992), Música de rua (1994), Feijão com arroz (1996), Swing tropical (1999), Elétrica (1998), Sol da Liberdade (2002), Balé mulato (2005), e assim, sucessivamente, demonstra a veia negro-mestiça da artista. A referência a baianidade e a africanidade é explícita, uma fórmula seguida por anos a fio, demonstrando a eficiência da mesma. Apesar de algumas tentativas fora da fórmula, a exemplo de Daniela Mercury Clássica, disco no qual grava músicas consagradas da MPB, o sucesso e a vendagem de discos confirmam que o “mito da rainha” é o caminho mais seguro a ser seguido.

Os nomes escolhidos para os seus discos já sinalizam para “mistura” de raças e de cores e para convivência harmônica entre brancos e pretos na Bahia, a exemplo de Feijão com arroz e Balé mulato, mais explícito ainda é a gravação da canção “Preto e branco” que traz os versos “Sou amarrado nessa pele escura / Na sua cultura / Em sua formosura / Mas no final tudo é uma só mistura”; seguindo contempla o mito da democracia racial nos seguintes versos da mesma canção: “*É baseado nessa ideologia / Que a nossa magia pode aí se explicar / A Europa, a África e a Bahia / Tem a alegria de aqui se mistura*”; no final a falácia da democracia racial baiana é contemplada ainda nos versos: “*E todo mundo aqui é branco e preto / E todo mundo aqui é branco e preto / E todo mundo aqui é preto e branco*”.

Obviamente, a grande maioria das músicas escolhidas para serem gravadas por Daniela Mercury é proveniente dos guetos negro-mestiços soteropolitanos, muitas vezes são músicas produzidas para serem gravadas pelos blocos afros do carnaval baiano, especialmente as músicas relacionadas ao Ilê Aiyê (bloco pelo qual a cantora declara ser

apaixonada), as quais tem lhe rendido inúmeros sucessos de vendagens de disco e de shows. Tais canções não galgaram o mesmo sucesso quando gravadas pelos artistas negros dos blocos afros, como exemplo temos as canções “Vulcão da Liberdade”, “Ilê pérola negra”, “O mais belo dos belos” e “Por amor ao Ilê”, imortalizadas na voz da cantora.

Logo no seu primeiro carnaval como vocalista em cima do trio elétrico (1991), a artista declara ser dela “a cor e o canto da cidade” (“o canto da cidade”, composição Daniela Mercury), demonstrando a “alma negra” do seu trabalho artístico. É interessante, então, observar como uma cantora branca se autodeclara a cor da cidade de Salvador, que, como se sabe é uma cidade predominantemente negra. A artista cola a sua imagem a grupos subalternos e mobiliza conceitos identitários baseados em uma herança étnica efetivamente africana, promovendo a religião do candomblé e a cultura afro-baiana na sua discografia.

Como já exposto anteriormente, o que ocorre é a apropriação dos ícones de africanidade por parte da artista ante o modelo das políticas públicas pensadas para o estado e estendido a produção artística musical da Bahia. As músicas escolhidas para serem gravadas pela artista trazem sempre “um toque de etnicidade”, falam da beleza negra, *“beleza eterna” nos corpos de negros e negras, que formam uma “rosa tão linda de negros”*. Não se esquece a cantora de acentuar a cidade de Salvador como o paraíso tropical desta África mítica por ela cantada, afinal só na Bahia é possível de se ter *“Alegria agora / Agora e amanhã / alegria agora / E depois e depois e depois de amanhã”*. Esse “texto de baianidade”, veiculado pelas músicas gravadas pela cantora são discursos relevantes para a construção da identidade baiana imaginada, pois o estereótipo de uma cultura étnica, por mais redutor que seja, é uma forma de percepção e, de alguma maneira, verdadeiro para a construção identitária de um povo (Bhabha). Toda essa etnicidade cultivada leva a um essencialismo da cultura afro-baiana, que assume um caráter de agente ativo na formação cultural do povo baiano e na percepção do mesmo no âmbito nacional.

Assim, Daniela Mercury, mergulha no universo da cultura afro-baiana com um repertório predominantemente de narrativas que respondem aos interesses políticos locais, plasmando uma imagem de Bahia relacionada ao lugar da lascívia e do prazer, “a cidade da Bahia” é descrita como “cidade que canta, de um povo que dança, cidade da boemia, terra festeira”. O lugar privilegiado que os ícones africanos ocupam na construção da sua carreira, após a re-africanização do carnaval baiano esse seria sucesso garantido, é gritante, a cantora exala a baianidade através de danças e letras de músicas que falam de lemanjás, lansãs, Nanãs, Xangôs, etc. É interessante, então, se deter um pouco no discurso da cantora através da sua voz e da imagem para ela produzida, mitificada através das letras das músicas escolhidas para serem gravadas, um bom exemplo é a música de sua autoria em parceria com DJ Memê intitulada “O canto da Rainha”, na qual a cantora diz: *“Sou crioula branca crioula / Sou mulata preta / Sou negra mulata sou / Sou o miolo da raça sou”*. Voltamos aqui ao mesmo discurso da canção “O canto da cidade”: uma mulher classe média branca como o “o miolo da raça”, a “rainha” de uma cultura eminentemente afrodescendente, ao menos é o que parece ser difundido pela referida canção.

É notório o enegrecimento do trabalho artístico de Daniela Mercury ao logo de mais de uma década de carreira, além de letras de músicas pautadas nos ícones da africanidade, a cantora também traz em seus discos imagens significativas de negritude: negros de corpos exuberantes, vestidos como verdadeiros deuses e deusas negras povoavam as capas dos trabalhos por ela e para ela produzidos. É a espetacularização da cultura afrodescendente da

Bahia, segundo um gosto estetizado do pós modernismo pela alteridade: “não há nada que o pós-modernismo global mais adore do que um certo tipo de diferença: um toque de etnicidade, um “sabor” do exótico... (Hall, 2002)

Segundo parece, a celebração da cultura afrodescendente de Salvador também trouxe visibilidade aos grupos subalternos composto pelos afrodescendentes, e que muitas vezes levam até os governantes a investirem na valorização da cultura afro-baiana, como se pode constatar através do projeto dos carnavais “Carnaváfrica” (2002) e “Baiana do Acarajé” (2003), dentre outros. Mas, também podemos inferir que essa seria uma visibilidade espetacularizada, regulada e segregada, seria uma proliferação da diferença sem um retorno econômico efetivo e/ou medidas de reparação por anos de exploração para a comunidade afrodescendente soteropolitana, que continua a ocupar os sub-empregos dessa indústria cultural, apesar de constituírem o axioma da mesma; “uma diferença que não faz diferença”, seguindo o pensamento de Stuart Hall. A falácia da canção “Preto e Branco” a qual prega que “aqui todo mundo é preto e branco” não vigora no dia-a-dia dos negros na Bahia, a segregação é evidente: a “rainha” é branca, os súditos são os operários negros... Mas, como enuncia a música “Axé Axé”, composta por Caetano Veloso especialmente para a artista, “A nossa música é o que há de fazer / Eu me juntar com você .”

Podemos pensar que a música baiana (lê-se aqui Axé Music) tem se tornado historicamente a forma preponderante da cultura local, ela é o palco, por natureza, da mercantilização e industrialização da sua cultura, que já se constatou ser um produto extremamente vendável. Ela é também espaço da homogeneização e da estereotipação da mesma, paradoxalmente também veicula todo um discurso de resistência e de enaltecimento dos afrodescendentes, mesmo que soe estranho aos nossos ouvidos uma cantora branca enunciando “*a minha beleza negra / Aqui é você quem manda...*”

Não importa o quão deformadas, cooptadas e inautênticas sejam as formas como os negros e as tradições e comunidades negras pareçam ou sejam representadas na cultura popular, nós continuamos a ver nessas figuras e repertórios, aos quais a cultura popular recorre, as experiências que estão por trás delas. (Hall, 2003)

O que chamou a minha atenção na discografia de Daniela Mercury foi o deslocamento de todo um discurso identitário dos afrodescendentes de Salvador para a sua voz, a celebração de uma cultura do outro. Embora repleto de estereótipos que a elite branca sempre cultivou – e que a cantora imprimiu na sua voz “*Isso aqui é o umbigo do mundo / Onde a beleza tem muitas caras / Cores e raças, misturas raras / peles de ébano, de sangue indígena //... caras mestiças de uma nova era / como o futuro que está chegando / sob o sol no umbigo do mundo / e todo mundo está sambando ...*”, a artista também acaba por celebrar a exaltação do negro, dentro de todo um contexto que diz respeito ao que é ser negro na Bahia. O drama de ser negro, todo o estigma negativo de cor que lhe foi atribuído ao longo da história não interessa para essa construção discursiva difundida pela artista.

Já sabemos que no processo de mercantilização da cultura afro-baiana ocorreu a preferência a certas características e certos objetos para a sua representação como um todo homogêneo – a fim de torná-la palpável, um produto vendável. Porém, essa mercantilização musical da cultura afro-baiana também deixa escapar pelas brechas as vozes da população afrodescendente soteropolitana que passa a ser vista e ouvida através das suas letras de músicas, da sua gestualidade e das suas danças que enobrecem o espaço físico da cidade,

não importa se a mensagem seja veiculada por terceiros, foi assim que o candomblé de “seita religiosa” proibida passou a religião extra-oficial do estado, galgando uma centralidade na representação simbólica da cultura baiana. A culinária e a capoeira afro-baiana também possui o seu papel de destaque nessa representação, pela sua constante presença nas canções que embalam a Bahia, o Brasil e o mundo através da *world music* que tanto tem apostado no talento dos nossos artistas baianos, como compositores e/ou divulgadores da nossa “exótica” e vendável cultura.

Dentro desse contexto a Bahia é apresentada como a principal fonte de pureza africana, e seus músicos não se cansam de buscar inspiração na África, legitimando o seu título de Roma Negra das Américas, veiculando uma imagem pública do estado da Bahia em contraste com a imagem nacional, marcada sempre pela diferença cultural baiana. É relevante a constatação de que a manipulação e a estetização exacerbada da cultura afro-baiana leva a uma fabricação de uma etnicidade artificial para a Bahia, segundo parece para corresponder aos anseios dos brancos, mais sabe-se que as “culturas negras” sempre foram o resultado da manipulação cultural e da mercantilização (Stuart Hall), e que a construção identitária da comunidade afrodescendente da Bahia é baseada numa África mítica, inventada e reinventada ao longo dos tempos, relevante e real a ponto de ser um fator de reconhecimento e de pertencimento para os componentes dessa comunidade, que tem erguido a cabeça e declarado com orgulho “eu sou negão”.

Porém, quando Daniela Mercury, através da escolha de suas músicas a serem gravadas, traz visibilidade e valorização da cultura afro-baiana, não necessariamente essa notoriedade altera as regras sociais racistas da Bahia, nem tem promovido nenhuma melhoria sócio-econômica para os afrodescendentes, um bom exemplo é a resistência a aprovação das cotas na UFBA: a constatação da intolerância racial/social na aclamada democracia racial/social baiana. É importante saber que ainda vigora no estado uma hierarquia social racista com os brancos no topo do poder, comprovação disso são os índices de pobreza e de expectativa de vida da comunidade negro-mestiça soteropolitana e a exclusão que condena os afrodescendentes a viverem às margem da sociedade baiana. Nem mesmo essa visibilidade exacerbada de sua cultura, muitas vezes foclorizada, foi capaz de promover políticas públicas reparadora para os afrodescendentes baianos, que são invisíveis para sociedade no que tange a seus problemas sócio-econômicos, pois o que interessa é a promoção de um estado no âmbito nacional e internacional, a propagação de uma democracia racial baiana inventada e mitificada, e a música baiana tem sido o palco da efetividade desse mito, pregando a convivência harmônica entre pretos e brancos, com exceção das letras de músicas de cunho eminentemente político dos blocos afros, embora muitas vezes ocorra o deslocamento dessas canções para o espetáculo da cultura local, através de uma representação plasmada de Bahia que legitima uma homogeneização marcada pela diferença, pois somos sempre recordados de que “*A nossa música é a mesma voz / Ninguém desfaz o que nós fazemos neste país*”.